

Música e  
Músicos do Brasil



Rádio Ministério da Educação e Cultura

Junho de 1959

## MÚSICA E MÚSICOS DO BRASIL

Supervisão geral

**Andrade Muricy**

Direção

**Mozart de Araujo**

Produtores

**Ademar Nóbrega  
Alcêu Bocchino  
Edino Krieger  
Helza Camêu**

(Transmissão tôdas as segundas-feiras às 21 horas. Re-transmissão, em gravação, aos domingos, a partir de 15.30 horas).

★

*A Rádio Inconfidência de Minas Gerais, iniciou em abril p.p., as irradiações do programa "Música e Músicos do Brasil" em Belo Horizonte. Esses programas estão sendo irradiados, por aquela emissora todos os sábados, às 20.05 horas.*

Festival

**Luciano Gallet**

Auditório do Ministério da Educação e Cultura

29 de Junho de 1959

(21 horas)

☆

PROGRAMA — CONVITE

# PROGRAMA

## FESTIVAL LUCIANO GALLET

### I PARTE

#### Canções populares harmonizadas

- 1 — Yayá, você quer morrer (lundu-original de Xisto Bahia)
- 2 — Foi numa noite calma (Modinha carioca)
- 3 — Fotorotó (Chula baiana)
- 4 — Morena, morena... (Modinha)
- 5 — Tayeras (Chula de mulatas do norte)
- 6 — Acorda, donzela (Canção popular)
- 7 — A perdiz piou no campo (Modinha)
- 8 — Bambalelê (Embolada)

Canto — Alexandre Trick

Piano — Waldemar Navarro

### II PARTE

#### Nhô Chico (suite)

- 1 — Tá andando, tá cismando
- 2 — Tá sonhando
- 3 — Tá sambando

#### Rapsódia Sertaneja

(Sôbre "A Sertaneja" de Brasília Itiberê)

Piano — Laís de Souza Brasil

#### Canções Populares para Côro:

Eu ví amor pequenino  
Sertaneja  
Tutu Marambá  
Puxa o melão, sabiá

Côro — Associação de Canto Coral  
Regente — Cleofe Person de Mattos.

## LUCIANO GALLET

*"Luciano Gallet realizou, como talvez ninguém com a mesma integralidade, o músico brasileiro. Si na composição a morte lhe deixou a arte incompletada, músico, na mais humana significação do termo, êle o foi completamente".*

Mário de Andrade

A figura de Luciano Gallet é das mais cativantes da música brasileira, mercê de sua multiplicidade de aspectos e da intensidade com que viveu cada um dêles. Talento criador magnífico, sentiu entretanto o apêlo de tôda a vida musical, de tôda uma cultura jovem com sua pluralidade de solicitações, exigindo das inteligências eleitas um desdobramento de atenções, impedindo-as de se confinarem a uma atividade única. Luciano Gallet é produto e vítima do meio, generoso pela riqueza das manifestações musicais espontâneas, absorvente e dispersivo pela inexistência de setores organizados, levando quase sempre o artista a desempenhar, na mesma cena, os diferentes papéis de criador, pesquisador, musicólogo, musicógrafo, intérprete e animador da vida musical.

Essas circunstâncias específicas do meio fazem, no geral, do artista criador brasileiro, um fenômeno à parte dentro de sua espécie. Sua obra, no mais das vêzes, não se resume nos símbolos deixados sôbre a pauta mas se estende ao trabalho

de pesquisa, de análises e descobertas que por vêzes permanecem quase anônimas, conhecidas apenas dos estudiosos, e se prolonga ainda no esforço fecundo de ativar a vida musical do meio. "No geral — escreve Mário de Andrade — costumamos julgar um artista apenas pelas obras-de-arte que deixou. Ora, em muitos casos um julgamento assim se torna falho, porque artistas há cuja atividade criadora não se resume às obras-de-arte, antes se espalha em criações de vária espécie. Esse é muito o caso de Luciano Gallet. A obra dêle se completa, e mesmo se dignifica extraordinariamente, pela atuação do homem dentro do mundo musical brasileiro".

Luciano Gallet nasceu no Rio de Janeiro a 28 de junho de 1893. Dos 8 aos 14 anos frequentou o Colégio Santa Rosa, de Niterói, na qualidade de interno. Já então a música ocupava um lugar definido dentro de seus múltiplos interesses juvenis: participava de representações teatrais, era o primeiro cantor do côro, tocava piano, ensaiava conjuntos corais e instrumentais, participava da banda de música. A pintura, o desenho e a matemática competiam com a música e deixavam entrever o interesse manifesto pela engenharia e a arquitetura — que chegaria a predominar quando, ao sair do Colégio começou a trabalhar num escritório de arquitetura. O acaso leva-o, entretanto para o caminho musical, quando um organizador de orquestras de cinemas o recruta para o seu conjunto. Essa prática se tornaria freqüente para Luciano Gallet, amiudando-se as suas atuações em cinemas, bares e igrejas onde encontraria Villa-Lobos e outros jovens musicistas em formação. Tornando-se pianista acompanhador, travou relações com todo um grande círculo de artistas que se reuniam com freqüência em casa da violonista Paulina D'Ambrosio. Luciano Gallet conheceu, então, aquêle que seria o seu guia espiritual e a quem devotaria uma admiração profunda e duradoura: Glauco Velasquez. Define-se a êsse tempo a sua disposição de fazer carreira musical, tornando-se discípulo de Henrique Oswald e de Agnelo França no Instituto Nacional de Música.

A grande admiração de Luciano Gallet pela obra de Glauco Velasquez levou-o a fundar em 1914, quando da morte do compositor, uma Sociedade destinada a divulgar a sua música. A "Sociedade Glauco Velasquez" existiu até 1918, dela participando todos os melhores artistas da época. Através da Sociedade, Gallet travou conhecimento com Darius Milhaud, quando da permanência do compositor francês no Brasil como secretário da Embaixada de seu país. "Aproximou-nos o seu interesse extremo por Glauco — escreve Gallet. Com êle comecei o estudo de Harmonia. Era terrível quanto às quintas e oitavas. Por êle, conheci as teorizas adiantadas, Strawinsky e Schoenberg, a politonia, fundamentada em Bach, Satie, a concepção dos vários modernos e os processos usados".

Luciano Gallet começa a compor em 1918. Paralelamente, sua atividade se multiplica, torna-se Livre Docente de piano no Instituto Nacional de Música, organiza audições, dirige o coro e a orquestra da escola, funda a Sociedade Pro-Arte, de efêmera duração, realiza pesquisas, dirige revistas, escreve artigos, funda a Associação Brasileira de Música com a finalidade de "elevar o nível da cultura musical no Brasil", promove conferências, festivais de música brasileira e finalmente é apontado, em 1930, para o cargo de Diretor do Instituto Nacional de Música. Os 6 meses que passou à frente da escola foram marcados por uma atividade incansável, quase sobrehumana revisando todo o sistema didático, procurando dar forma às suas idéias renovadoras, com vistas a transformar o Instituto numa escola superior de música, integrada, como é atualmente, na Universidade do Brasil, e onde se formassem músicos completos, dotados de vasta cultura geral além da técnica específica de seu instrumento.

Debilitado em seu estado de saúde e desgostoso com a oposição que lhe era movida, Luciano Gallet se demite a 24 de julho de 1931. Um mês depois iniciava-se o curso final de sua enfermidade, vindo a falecer a 29 de outubro desse mesmo ano, com a idade de 38 anos.

"Era um desperdiçado" — escreve Mário de Andrade no prefácio dos "Estudos de Folclóre", onde se reuniram, pôstu-

mamente os escritos e as pesquisas de Luciano Gallet. "Não por incúria, não por desleixo. Pelo contrário se desperdiçou por infatigável otimismo e confiança generosíssima nos homens. Queria endireitar, mostrar, afirmar a música brasileira sem nenhum egoísmo. E se matou nisso. Tudo quiz fazer, tudo o interessava. Concertos, ensino, composição, discografia, rádio, jornalismo, folclóre, monografia, comércio musical, intercâmbio internacional, diretor de revista, diretor do Instituto, fundador de Sociedades, organizador de reações... A tudo entregava sua atividade sonhadora. E fez muitíssimo. A gente não terá que o considerar como compositor apenas, e o foi dos melhores. Luciano realizou, como talvez ninguém com a mesma integralidade, o músico brasileiro".

---

O catálogo de obras de Luciano Gallet compreende um total de 90 peças, entre composições para piano, piano a 4 mãos, canções originais e harmonizações de melodias populares, páginas para coro, para instrumentos solistas, música de câmara e orquestral, transcrições de obras de outros autores e trabalhos didáticos.

Dois influências principais se conjugam na formação de seu estilo: uma de caráter universalista, recebida através do estudo da obra de Glauco Velasquez e alimentada pelo contato com as tendências do modernismo, através de Darius Milhaud; outra representada pela pesquisa do folclóre, a que se entregou apaixonadamente, recolhendo e harmonizando um sem número de melodias populares e transcrevendo ritmos e inflexões de nosso populário em obras originais.

As páginas reunidas na primeira parte deste programa apresentam Luciano Gallet como harmonizador de canções populares. Não há que subestimar a importância desse trabalho, tanto para o próprio compositor quanto para a música brasileira em geral: na procura de uma roupagem harmônica adequada para as canções populares, transportando para o instrumento erudito as características do acompanhamento

popular, toda uma técnica, um estilo e uma linguagem se foram cristalizando, formando os alicerces da canção de câmara nacional.

A musicalidade generosa, o gosto apurado e o instinto seguro de Luciano Gallet no desempenho dessa tarefa — não raro, é verdade, realizada em meio a dúvidas e indecisões naturais — asseguram às suas harmonizações uma validade indiscutível, e em muitos casos uma perfeição insuperável.

Datam de 1921 as primeiras harmonizações de Luciano Gallet — as primeiras tentativas de assimilar as características da melódica nacional, contrapondo a força da criação coletiva às suas preocupações individualistas. Iniciou o trabalho com humildade e honestidade: “Felizmente — escreve — estabeleci desde logo a necessidade estrita de manter-me em absoluto dentro da harmonização conhecendo e mantendo o melódico existente, procurando ilustrar com ritmo adequado cada tipo. Trabalho difícil, considerada a deficiência de elementos. Era preciso evitar o banal, buscando o interessante. Em princípio: fugir ao meu eu e adaptar-me neutro ao brasileiro”.

Em 1924 a Editora Wehrs publicava os dois primeiros cadernos de Canções Populares Brasileiras, recolhidas e harmonizadas por Luciano Gallet, com texto em português, francês e inglês. Outras publicações idênticas se seguiram totalizando, finalmente, 22 Canções para canto e piano e para côro a capela ou com acompanhamento.

Prefaciando a segunda série publicada, escreve Luciano Gallet: “Estas doze canções assim como as outras seis já publicadas não são trabalho de composição, nem “utilizações”, como imprópriamente as denominam; são puras harmonizações, ilustradas com ritmos característicos. Em todas elas, a melódica é conservada autêntica e respeitada a letra original, observadas mesmo as alterações de grafia, fonética e construção — o que lhes dá um sabor especial. São tratadas como obras idênticas de autores modernos, tais: Falla (Canções Populares Hespánholas); Ravel (Canções Populares Gregas); Pedrell (Canções Populares Argentinas); Bourgault-Ducoudray

(Canções Populares da Baixa Bretanha); Béclart d'Harcourt (Canções Indianas) e outras. (...) Pela linha melódica muito característica, e por sua riqueza rítmica de grande vida interior, a nossa Canção Popular afirma a vitalidade do folclóre brasileiro, e incorpora-se à música universal, trazendo-lhe um contingente cheio de seiva, ainda inexplorado”.

A produção de Luciano Gallet para o piano inicia-se em 1917, com um Maxixe carnavalesco assinado com o pseudônimo de Anhangá. A essa página despretentiosa bem como à “Berceuse” escrita nesse mesmo ano, o compositor não atribui maior significação. Algum merecimento reconhece no “Moderato e Allegro”, de 1918. Nas “Três Peças Burlescas” do ano seguinte, o próprio título original em francês, revela a ausência de qualquer preocupação nacionalista. Gallet incorpora, a esse tempo, as idéias de Glauco Velasquez sobre problemas da forma e da construção, realizando, em seu curioso “Hieroglifo” de 1922, uma experiência sem dúvida digna de nota, no terreno da construção atemática, condicionando todo o pensamento musical a uma célula geradora inicial.

Data de 1923 a sua paráfrase sobre “A Sertaneja” de Brasília Itiberê. “É fácil constatar — escreve a propósito — que evitei com cuidado, fazer obra minha. Quiz, exclusivamente, valorizar a música de Brasília Itiberê”. Essa valorização se traduz numa simplificação dos meios utilizados originalmente, numa tentativa de destacar-lhe os valores desbastando-lhe as exterioridades.

A melhor contribuição de Gallet para o piano seria, entretanto, a Suite “Nhô Chico”, escrita em 1927 por sugestão de Mário de Andrade. A página se destinava à elaboração posterior de um grande painel pianístico sobre o “Bumba-Meu-Boi”, que entretanto jamais chegou a se realizar.

A Suite compreende 3 partes: “Tá andando tá cismando”, com uma parte inicial e final sobre um motivo à maneira de

toada paulista e uma parte intermediária mais melódica, seresteira; "Tá sonhando", de forma igualmente ternária, iniciando-se numa atmosfera de divagação, onde se faz notar uma harmonização por vezes ousada, servindo de fundo a um motivo de viola caipira; uma "valsa manhosa" forma a parte central do trecho; finalmente "Tá Sambando", com seu ritmo pontuado e suas síncopes características.

---

A produção coral de Luciano Gallet, que compreende adaptações de melodias populares e páginas originais para cântico a cappella e com o acompanhamento de piano ou orquestra, inclusive sobre textos religiosos, encontra-se representada neste programa por uma série de canções populares, publicadas na mesma coleção das harmonizações para canto e piano. Aqui, Luciano Gallet se qualifica mais uma vez como o artista consciente e hábil, capaz de conferir uma nova roupagem às melodias populares sem interferir em sua beleza nativa.

Comentários de *Edino KRIEGER*

## PROGRAMAÇÃO de Julho de 1959

**Dia 6 — Festival Mignone**

Autor e meio-soprano **Carmen Pimentel**

**Dia 13 — Pequenos Conjuntos de Sôpro**

**Dia 20 — Festival Nepomuceno**

**Nícia Roubaud** (piano)

**Maria Sílvia Pinto** (canto)

**Dia 27 — Concerto Sinfônico** (Teatro Municipal)

**Orquestra Sinfônica Brasileira**